

A formação de uma cidade

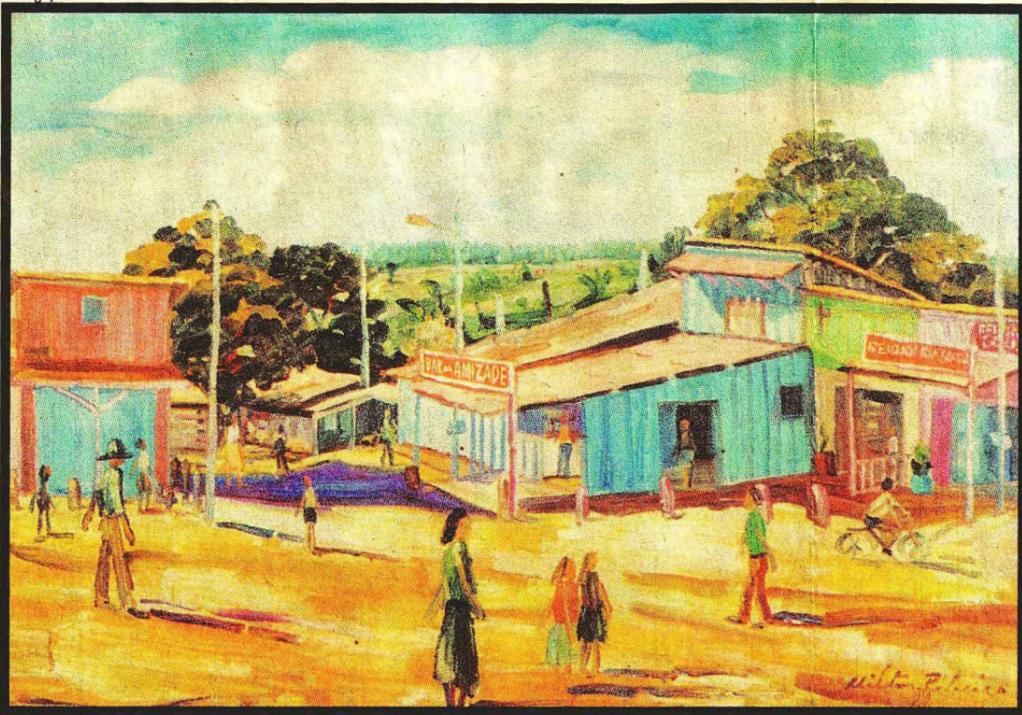
Nahima Maciel
Da equipe do **Correio**

Kleber Lima



HÁ 34 ANOS, MILTON RIBEIRO RETRATA BRASÍLIA E SUA GENTE, MIGRANTES QUE PARA CÁ VIERAM E CONTRIBUÍRAM PARA O DESENVOLVIMENTO DA CIDADE

Divulgação



BAR DA AMIZADE (1998), COTIDIANO DO NÚCLEO BANDEIRANTE SERVE DE INSPIRAÇÃO A RIBEIRO

Novina se comparada à grande maioria das capitais brasileiras, Brasília foi muitas vezes tachada de pobre quando avaliada sob o prisma da cultura. Poucos eventos, pouca produção. Foi. Não é mais. E o cenário das artes plásticas é um bom canteiro para comprovar isso. Três exposições inauguradas durante a semana têm como motivo os 41 anos da cidade, comemorados hoje. Nas temáticas, uma evidência: o passar dos anos conferiu identidade à capital.

Se o leitor quer embarcar nesse roteiro, vale começar por *Memórias de Brasília*. Os 50 quadros apresentados no Átrio dos Vitrais no edifício-sede da Caixa Econômica Federal parecem história em quadrinhos da capital federal. As imagens vêm sendo confeccionadas há 34 anos pelo pintor Milton Ribeiro. Carioca, ele chegou ao Planalto Central em 1967 para integrar o quadro docente da Universidade de Brasília. Deu aulas no então Instituto de Central de Artes (ICA), até ser expulso no ano seguinte pela ditadura militar.

Quando voltou à UnB, assumiu cadeira de planejamento gráfico na Faculdade de Comunicação. Paralela à vida acadêmica, Milton levou a pintura como atividade compulsiva. As primeiras telas datam do ano de chegada à capital. "Fui morar na 312 Norte e lá só tinha a quadra e os barracos de comércio e hotéis na W3. A paisagem me encantou e fui pintando", lembra.

Com o passar dos anos, os prédios começaram a tomar conta do Plano Piloto. Milton não via mais o encanto do barro com barracos e deslocou o interesse para as cidades do Entorno. Pintou os últimos barracos da Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante, o Paranoá antes da chegada do asfalto e água encanada e o Varjão, hoje visitado quando bate a nostalgia de tempos passados. "Outro dia, no ano passado, fui lá pintar uns barracos", confessa Milton.

EM FRENTE

Cada uma das cenas exibidas em *Memórias de Brasília* foi pintada obedecendo a apenas uma regra: Milton se instala com tintas, telas e cavaletes em frente à paisagem escolhida. Nunca fez um quadro sequer com auxílio de fotografias. E identifica as imagens como "expressionistas figurativas". "São figuras tristes, sofridas. E você pode até dizer: Nossa como parece bonito! Mas é a maneira como vejo, não quer dizer que seja assim."

Se a técnica usada por Milton é uma das mais antigas nas artes plásticas, a exposição vizinha contrasta pela contemporaneidade. Mas não pelo enfoque. As 50 imagens registradas por 15 fotógrafos de Brasília contam os costumes e mostram os rostos dos imigrantes que até hoje constroem a cidade. As fotografias fazem parte da versão cantada para o projeto *Caixa Populi*, apresentado em São Paulo no ano passado pelo fotógrafo Emídio Luisi.

Na capital paulistana, Emídio selecionou alguns fotógrafos para registrar como os imigrantes se instalaram na cidade.

de. Em Brasília, o enfoque foi o mesmo. "As pessoas vieram para cá para construir a cidade e formaram pequenos guetos." Dos mais de 40 inscritos para o projeto, Emídio selecionou 15. Não se preocupou em escolher fotógrafos profissionais, incluiu também os amadores. "Escolhi os inscritos que tinham olhar diferenciado." O único pré-requisito era ter domínio da técnica fotográfica.

OUSADA E IMPERTINENTE

"Fizemos uma pauta e cada grupo de três pessoas foi para um canto", conta Letícia Verdi, uma das selecionadas. Ela fotografou o Parque da Cidade, Vale do Amanhecer, Feira da Torre e Igreja em apenas um final de semana. Tempo curto para o também fotógrafo Rinaldo Morelli, outro integrante do projeto. "Nenhuma cidade pode se permitir ser

fotografada só num final de semana", reclama Rinaldo.

No Espaço Cultural Renato Russo (508 Sul), uma homenagem mais ousada completa o roteiro de exposições sobre a cidade aniversariante. Em 41 x 41, artistas criaram uma obra para cada ano comemorado. São presentes de quem faz arte contemporânea. Nas paredes e chão da galeria Parangolé, está instalado festival de objetos esquisitos e curiosos. Tem caixa de acrílico com beijos, esfera de 41 centímetros de diâmetro intitulada escultura, restos da igreja incendiada da Vila Planalto dispostos tais quais um sítio arqueológico. A idéia veio do escultor Omar Franco, que perguntou a cada um dos 41 artistas convidados qual o presente ideal para Brasília.

"Minha questão era: o que você faria de maneira mais ousada e impertinente?", conta

Omar. "Chamei pessoas que não fazem apenas trabalhos de parede, que têm trabalho de volume e superfície que foge um pouco do que se faz tradicionalmente." Na lista, nomes como Athon Bulcão, Helena Lopes, Tarciso Viriato, Wagner Barja, Darlan Rosa, Glênio Lima, Zello Visconti e Valéria Pena Costa.

Darlan fez *Esferóide*, escultura em forma de globo para marcar o sonho de ver a cidade povoada por obras de arte. "Estamos numa defasagem de 40 anos. Brasília é uma obra e Oscar Niemeyer já previa que a cidade deveria ter obras por todo lado." Glênio Lima pescou na memória a instalação montada na 508. Veio para o Planalto Central aos nove anos, em 1960, e ficou marcado pela quantidade de pequenas igrejas. Encontrou na igreja destruída da Vila Planalto artefatos para o trabalho. "Levei uns caquinhos para o

"ESTAMOS NUMA DEFASAGEM DE 40 ANOS. BRASÍLIA É UMA OBRA E OSCAR NIEMEYER JÁ PREVIA QUE A CIDADE DEVERIA TER OBRAS POR TODO LADO"

DARLAN ROSA

Artista plástico, sobre o sonho de ver a cidade povoada de obras de arte

ateliê e comecei minha viagem", diz. A viagem virou pequenino sítio arqueológico de lembranças. Darlan e Glênio criaram duas obras que expressam o tom da mostra: memória e sonho ainda constroem Brasília.

SERVIÇO

MEMÓRIAS DE BRASÍLIA 1967-2000
Pinturas de Milton Ribeiro. Salão Átrio dos Vitrais do edifício-sede da Caixa (SBS, Qd. 4, Lt. 3/4). Até 31 de maio. De segunda a sexta, das 9h às 19h

PROJETO CAIXA POPULI — BRASÍLIA
Coletiva com participação de 15 fotógrafos. Salão Átrio dos Vitrais do edifício-sede da Caixa (SBS, Qd. 4, Lt. 3/4). Até 31 de maio. De segunda a sexta, das 9h às 19h

41 X 41
Obras de 41 artistas de Brasília. Galeria Parangolé (Espaço Cultural Renato Russo, 508 Sul). Até 30 de abril. De segunda a domingo, das 13h às 21h